

O lema da Ação Integralista Brasileira – AIB, movimento fascista da década de 1930 que, em seu auge, chegou a contar com quase oitocentos mil membros, tendo obtido grande capilaridade no território nacional, encontra-se, hoje, fartamente presente em faixas, cartazes e camisetas das manifestações de rua do bolsonarismo – movimento neofascista responsável pela eleição democrática do presidente brasileiro Jair Bolsonaro e pela sustentação política de seu trágico governo. Em meio ao verde e amarelo abundante e a muitas bandeiras nacionais, inscrevem-se fartamente as palavras “Deus, Pátria e Família”, slogan dos primeiros fascistas brasileiros.

É verdade que a AIB, esquelética e diminuta, ainda se mantém ativa como movimento político, mas em nada influencia os rumos das demandas neofascistas expressas pelos seguidores mais fieis do presidente Jair Bolsonaro: intervenção militar, fechamento do Congresso Nacional e do Supremo Tribunal Federal, reedição do ato institucional que legitimou a violência de Estado durante o regime militar no Brasil – o AI-5, criminalização do comunismo, entre outras. A AIB existe, mas não está viva. Vivos estão, lamentavelmente, as ideias e os ideais fascistas gestados em 1919 por Benito Mussolini, quando da fundação do movimento *Fasci Italiani di Combattimento* e de sua posterior transformação em regime político; de Adolf Hitler e seu regime nazista; de Franco, Salazar, Plínio Sampaio e tantas outras lideranças que, em diferentes contextos, tentaram soerguer sociedades a partir de valores como tradição, nacionalismo, recusa do Estado Democrático de Direito e suas instituições, anti-intelectualismo, racismo, violência como forma de domínio da ordem social, controle das massas e, sobretudo, caça ao comunismo[1].

O cientista político e historiador estadunidense Robert Paxton entende que o fascismo é um fenômeno próprio do capitalismo[2]. Nasce a partir dele e nele está sempre presente. Vive à margem e no submundo da vida política, mas emerge das sombras em conjunturas que lhe são favoráveis, sobretudo grandes crises econômicas, como a de 1929. Essa é uma perspectiva tanto realista quanto assustadora, pois pressupõe que ideias, ideais e comportamentos fascistas – materializados na forma de movimentos, partidos e até mesmo regimes – tenderão a ressurgir de tempos em tempos, enquanto perdurar o modo de produção capitalista. Trata-se, é bem verdade, apenas de uma tendência, visto que a História não é teleológica. Mas quando se leva em consideração, como fez Karl Marx, que as crises não são apenas inerentes ao capitalismo, mas constituem mecanismo necessário à sua sobrevivência, “na medida em que permitem, na fase posterior, um novo ciclo de

crescimento da produção de valor”[3], ela se torna uma tendência fortíssima e aterrorizante. A perspectiva apontada por Paxton é fundamental para a compreensão tanto do surgimento do bolsonarismo e seu fôlego diante da gestão catastrófica do presidente Jair Bolsonaro[4] quanto do ressurgimento da extrema-direita nos EUA, na Europa central, no Leste europeu, na América Latina e, até mesmo, nos países nórdicos.

Com o apoio intermitente – porque circunstancial e calculista – de grupos conservadores, das forças armadas, da grande burguesia e das igrejas, paralelamente aos efeitos nocivos das crises econômicas sobre a renda e o trabalho, movimentos fascistas como o QAnon, nos EUA, ganham terreno entre as classes médias urbanas e as massas trabalhadoras, podendo chegar ao poder, inclusive pela via democrática, como o bolsonarismo, no Brasil, e, no limite, converter-se em regime. Seja na forma de movimentos de massa pontuais, mais ou menos estruturados, em pequenas células supremacistas raciais que atuam invisíveis na internet profunda ou mesmo em partidos políticos de extrema-direita como os que são vistos na Polônia ou na França, o ideário fascista encontra-se vivo e pulsante, louco para saltar das franjas do sistema para seu centro de controle.

O fascismo é um inimigo perene e ardiloso. A experiência histórica ensina que sua derrota depende da perseverança e da vigilância constantes e incansáveis das forças progressistas e democráticas, de enfrentamento sistemático e contundente e de muita mobilização e organização política. Apenas o conjunto desses esforços é capaz de manter as portas fechadas à ameaça fascista e varrê-la para o breu de onde nunca deveria ter saído.

[1] Eco, Umberto. O fascismo eterno. Fonte:

<https://operamundi.uol.com.br/samuel/43281/umberto-eco-14-lico-es-para-identificar-o-neofascismo-e-o-fascismo-eterno>, consultado em 10 de junho de 2021.

[2] PAXTON, Robert O. Anatomia do fascismo. São Paulo, Paz e Terra, 2007.

[3] LIMA, Rômulo André. A lei geral de acumulação capitalista e as crises cíclicas. Leituras de Economia Política, Campinas, (16): 87-110, jun. 2010, p. 88. Fonte:

<https://www.eco.unicamp.br/images/arquivos/artigos/3127/07%20ROMULO.pdf>, consultada em 10 de junho de 2021.

[4] O governo de Jair Bolsonaro ostenta um dos maiores quantitativos de mortos em virtude da pandemia de covid-19 no mundo – cerca de meio milhão de mortos em junho do ano

corrente –, enquanto o país enfrenta altíssimos índices de desemprego – mais de 14 milhões de desempregados –, aumento da inflação, risco de crise hídrico-energética, recordes de queimadas e desmatamento, aumento da violência e da letalidade policiais, entre outros problemas.